

OS NOVOS CONCEITOS DE EDIÇÃO NO JORNALISMO DIGITAL

ELIAS MACHADO GONÇALVES *

1. Introdução

O desenvolvimento do suporte digital começa a promover uma mudança substancial nos modelos tradicionais de edição. Há uma tendência para a substituição das normas clássicas da apresentação linear, com sequências estanques nos distintos meios por formas menos rígidas, com uma disposição de mosaico. A construção das notícias como unidades isoladas, principalmente em radiojornalismo e em telejornalismo, sofre uma flexibilização diante das potencialidades de interconexão entre as notícias ou mesmo entre as distintas editorias.

Com um padrão que resgata muito do formato de justaposição dos textos do jornalismo impresso, mas que assume novos contornos na modalidade digital, o próprio conceito de bloco de notícias, hegemônico em rádio e TV, sofre uma necessidade de reelaboração. A atuação do usuário das redes digitais como um produtor de informação, que assume uma espécie de função de co-editor das notícias, desestabiliza a distinção rígida entre o jornalista como produtor das notícias e o leitor, o telespectador ou o ouvinte como consumidores, instituída desde o nascimento do jornalismo impresso.

* Jornalista e docente na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia-Brasil. Doutorando em Jornalismo na Universidade Autônoma de Barcelona como bolsista da Fundação CAPES.

2. A edição como sinônimo de publicação das notícias

A herança da tradição do livro repousa no jornalismo em muitos aspectos como no formato das primeiras gazetas ou pela adoção de termos do antigo ofício para designar as atividades da emergente instituição jornalística. O conceito de edição, como uma etapa do processo de produção das notícias, nasce somente com a consolidação da empresa jornalística como uma indústria no século passado. A prática jornalística permaneceu por mais de trezentos anos sem qualquer rotina estável na produção das notícias. Nos primeiros tempos do jornalismo, a edição constituía um sinônimo de publicação dos conteúdos impressos.

O profissional era encarregado de múltiplas tarefas como recolhimento dos dados enviados ao jornal, a seleção dos artigos, a paginação, a redação e a impressão dos exemplares. Como o jornal naquele período configurava muito mais um espaço de formação da opinião do que o meio de conhecimento específico da realidade que conhecemos hoje, para o proprietário da publicação a busca externa de dados era pouco menos que irrelevante. O jornal como um tipo de intelectual orgânico funcionava como um irradiador coletivo da opinião, constituindo pela primeira vez uma esfera pública ¹.

A predominância da opinião que emergia do jornal delimitava o leitor como público dentro de uma relação que criaria as condições para consolidar, alguns séculos mais tarde, o mítico papel dos editores. A frágil divisão do trabalho impedia uma concentração das exauridas energias do proprietário do meio no tratamento dos dados. O dono do jornal longe estava de carregar uma aura semelhante à do jornalista contemporâneo como um profissional que oferece um cardápio quase instantâneo dos principais fatos ocorridos na cidade, no país ou no mundo. A relevância do profissional decorria muito mais do lugar social que ocupava que do produto contido na publicação. A capacidade de formular uma política para o conjunto da sociedade transformava o jornal num representante de uma parcela da opinião ².

A mais célebre das publicações francesas da época, *La Gazette*, fundada por Théophraste Renaudot, em 30 de Maio de 1631, demonstra, pela permanente intimidade que mantinha com os círculos de poder, a complementaridade do exercício do jornalismo com a defesa escancarada de um determinado projeto político junto com a edificação de um mercado publi-

¹ Ver DADER, Jose Luis. 1992. *El Periodista en el espacio publico*. Barcelona. Bosch.

² Ao longo dos últimos quatro séculos, houve uma mudança tão brutal na natureza do jornalismo que um analista contemporâneo como David Randall classificaria aqueles profissionais como propagandistas, jamais como jornalistas. Cf. RANDAL, David. 1996. *The Universal Journalist*. London-Chicago. Pluto Press. p. 1.

citário. Como um caso típico de jornalismo institucional, a prática profissional de Renaudot sublinhava o lugar e o papel das fontes e, sobretudo, aquela que ainda hoje permanece uma questão essencial para o jornalista: a importância das relações com os poderes. Dada a luz em condições demasiado promíscuas com a política do Cardeal Richelieu, como um órgão oficioso do reino, por certo, que pouca surpresa provocaria a incorporação do jornal pelo Ministério de Relações Exteriores, em 1762, rebatizada como *La Gazette de France* ³.

Apesar de o processo de edição assumir um significado amplo que incluía a seleção dos artigos, em um período que, à exceção de *La Gazette*, a grande maioria dos meios era mais ou menos efêmera e dentro de um clima de fervorosa discussão política, uma caracterização precisa da profissão naquele momento deveria considerar que a edição estava associada à capacidade de um determinado profissional de fazer circular uma opinião. Como decorrência o mérito do jornalista era tanto mais reconhecido quanto mais extensa fosse a influência do meio. A essência do jornalismo consistia no ato de publicizar uma certa apreciação sobre a realidade corrente. No bojo das variadas ocupações acumuladas pelo profissional, o ofício de publicista sobressaía como aquele que melhor definia o conceito de edição no período pré-industrial do jornalismo.

3. A edição como etapa da produção industrial do jornal

Entre os séculos XVI e XVII, uma nova pintura científica do mundo organizada em torno da mecanização emergiu de modo unificado, ainda que as várias ciências que tomaram parte na mudança tivessem diferentes pontos de origem, desenvolvessem distintos métodos de investigação e fossem governadas por propósitos diversos, e algumas vezes, contraditórios. O grande feito da técnica medieval era a habilidade de promover importantes reestruturações sem descartar os contributos das invenções e especialidades mais antigas. A principal vantagem da politécnica frente a monotécnica moderna consistia em que a habilidade pessoal, o juízo estético, a apreciação e a compreensão simbólica do mundo eram difundidas através do conjunto da comunidade, em vez de representar um monopólio de uma casta ou ocupação. Por não depender de um único, padronizado e uniforme sistema nem obedecer a um centralizado controle, a ordem social medieval era incompatível com uma completa mecanização ⁴.

³ MATHIEN, Michel. 1995. *Les journalistes*. Paris. PUF. pp. 31-32.

⁴ MUMFORD, Lewis. 1970. *The Pentagon of Power - The Myth of the machine*. Volume 2. San Diego, New York, London. A Harvest/HBJ Book. pp. 140-141.

O que estava faltando até ao século XVIII era um pleno desenvolvimento da automação, que esperava pela criação de uma pintura mecânica do mundo junto com um incremento da demanda para justificar os investimentos na fabricação das máquinas. A esporádica necessidade, a especial adaptação a recursos regionais ou desejos pessoais, todas características de pequenas comunidades ou de ofícios especializados, não ofereciam nenhum incentivo para a completa automação. O empresário deveria criar o mercado, conquistar praças distantes, padronizar gostos, edificar hábitos, destruir escolhas alternativas e alijar da competição os pequenos industriais, mais adaptados às demandas localizadas ⁵.

Como se fosse por uma ironia, a imprensa que, em uma etapa inicial, desempenhara uma função decisiva no processo de diversificação cultural, por crescer fora do controle das corporações ⁶, representa, quando hegemônica pela nova ordem consolidada na primeira metade do século passado, um dos fatores determinantes para conformar um tipo de sociedade hierárquica e centralizada. A carga mítica transportada pela legenda dos pioneiros publicistas jamais desapareceria, constituindo uma das fundações da identidade do jornalista, mas de modo inexorável o espírito da empresa capitalista marcava o ritmo do compasso de uma atividade confinada aos moldes de uma indústria. Dentro de um sistema que toma como princípio o domínio absoluto do tempo pela mecanização dos processos, nada poderia parecer mais irracional que a dependência de uma atividade de um único profissional que acumulava múltiplas tarefas.

A contínua busca de uma certa impessoalidade nos periódicos, derivada da necessidade de seduzir públicos mais heterogêneos, acaba por estimular uma intensa divisão do trabalho no jornalismo. O conceito de edição, que antes aparecia como um sinônimo do poder de publicação do proprietário do meio, ganha definições mais delimitadas, redistribuídas ao longo de uma incipiente linha de produção. Com a definitiva estruturação empresarial do jornalismo, as funções concentradas pelo antigo publicista são repartidas entre o diretor, que cuida da parte mercantil; o editor, que coordena a linha editorial; e pelos editores setoriais, incumbidos de supervisionar o trabalho dos repórteres em cada área de cobertura. A restrita divisão do trabalho entre funções e ofícios, conhecida desde o período de construção das pirâmides, orientava a edificação das chamadas «usinas de notícias.»

A diferença da moderna divisão do trabalho que perpassa todos os setores sociais, incluindo o jornalismo, em relação às mais antigas máquinas produtivas residia em dois fatores básicos: os métodos usados e os

⁵ MUMFORD, Lewis. *Ibidem.* pp. 177-178.

⁶ *Ibidem.* pp. 151-152.

incomparáveis propósitos. Qualquer que fosse o resultado de seu emprego, toda máquina era concebida como um mecanismo de economia de trabalho, que tentava performar a máxima quantidade de trabalho com o menor dispêndio de esforço humano. A economia de trabalho não tinha nenhuma parte na instituição das anteriores máquinas produtivas. O poderio de fogo delas advinha do potencial uso da força de trabalho e, para seus inventores, era uma satisfação alardear a capacidade para comandar um impressionante exército de homens que poderiam, pela eficiência do desenho e pela organização, concluir uma tarefa em si mesmo magnífica⁷.

Apesar de a divisão do trabalho no campo da edição contabilizar resultados positivos consideráveis na prática jornalística de sociedades complexas, no cerne do conceito moderno de edição está subjacente uma noção mecanicista do tempo com o predomínio da aceleração do movimento como um imperativo em todos os aspectos da vida social, quase sempre incompatível com a concepção do tempo como fluxo de continuidade orgânica, experienciada como duração, memória e registro histórico. A criação de um mercado para os produtos da indústria impeliu o jornalismo a redirecionar seus conteúdos, reprogramar sua periodicidade e alargar para uma extensão sem precedentes a sua circulação. Para conseguir cumprir um cronograma diário rígido, que dependia dos horários padronizados pela ferrovia para chegar a todo o território nacional no mais breve tempo possível, a empresa jornalística precisava de estabelecer uma rotina padrão.

Com a emergência do jornalismo de empresa, a atividade do jornalista se submeteu cada vez mais à lógica do capital. As transformações no modo de gestão, na organização do trabalho e na utilização dos profissionais, são como um tiro de misericórdia para o modelo artesanal. Na França, por exemplo, no fim do II Império, o número de jornalistas com empregos regulares, com salários fixos seguia em constante aumento. O singular individualismo dos redatores, trabalhadores a tempo completo, ao lado dos homens para todas as tarefas que eram os secretários de redação, contratava com o poder de organização dos gráficos. A completa adesão a um espírito de corpo era dificultada, porque a resistência ao submentimento de um empregador em nome de uma lógica individual de expressão era encorajada pelos grandes diários, através de negociações isoladas com os profissionais.⁸

⁷ MUMFORD, Lewis. 1966-1967. *Technics and human development. The Myth of the machine*. Vol. 1. New York. San Diego, London. A Harvest/HBJ Book. pp. 163.

⁸ MATHIEN, Michel. *op. cit.* pp. 64-65.

4. A edição como processo centralizado e linear na rádio e na TV

Agravada pelas consequências de fatos políticos como a Revolução Bolchevique, pelo aparecimento do Nazismo e pelas duas Guerras Mundiais, a verticalidade do sistema produtivo jornalístico instituída pelo suporte impresso alcança patamares inusitados no rádio. A possibilidade de uma audiência grupal para as emissões radiofônicas aparecia como o único consolo para um meio que fora incorporando a vida social como resultado de uma experiência coletiva, horizontal e sem prévia promoção governamental. Distinto do jornal, a rádio, quando livre da exploração direta do Estado, fenômeno hegemônico nos antigos países socialistas e na Europa até ao fim dos anos 80, época da desregulamentação do mercado, estava submetida a uma constante vigilância dos poderes públicos por meio da concessão de frequências. Com poucas exceções, com a BBC, de Londres, como um paradigma mundial, o jornalismo em rádio sempre sofreu, de um lado, as restrições de escassos recursos para constituir redações próprias e, de outro, uma inapelável dependência dos serviços centralizados mantidos pelas agências ou pelos periódicos em papel.

O esquematismo tem sido um padrão predominante na definição do discurso radiofônico, classificado de forma restritiva como um sistema semiótico da palavra, com intensa preocupação com o número de palavras por minuto, improvisação verbal, pausas e sintaxe simples. A notícia radifônica prima pela relevância do monólogo expositivo, que se trata de somente uma das formas expressivas da palavra e ignora outras como som ou ritmo, impedindo uma compreensão plena da amplitude expressiva do meio. A extrema centralização do processo produtivo, ao lado de uma forma obcecada pela simplificação, tem empobrecido tanto a notícia radiofônica, com seus códigos e convenções particulares. Como escreve Armando Balsebre, o radiojornalismo não é o melhor ponto de vista para se entender a magnitude expressiva que nos oferece o meio.

Apesar da correção das ressalvas enumeradas ao longo do ensaio *El Lenguaje Radiofónico*, falta na proposta de Balsebre, para reorientar a produção do relato no rádio, um questionamento da natureza do meio como um sistema emissor. A aceitação do conceito de rádio como um veículo transmissor de dados, expressão de afetos, sentimentos e vontades, que define uma interação comunicativa emissor-receptor que, embora hegemônica, não é a única possível, acaba por legitimar a estrutura tradicional do relato radiofônico: «...el discurso radiofónico fundamenta su primera razón de ser en su *temporalidad*; tiene una estructura secuencial, ininterrumpida, y está constituido por unidades que se suceden unas a las otras en una línea temporal. El emisor legitima su actividad creadora en función de su

capacidade para organizar temporalmente significados coerentes (mensajes), a partir de un repertorio común (códigos)....»⁹

O modelo de conformação do rádio como um meio irradiador que emite uma programação produzida em um local centralizado para uma audiência – em vez do aproveitamento das potencialidades para o intercâmbio interpessoal demonstradas, nos anos 20, em experiências pioneiras nos Estados Unidos – contribuiu de forma decisiva para a consolidação de um certo tipo de relato, com códigos e regras particulares. Como *naturaliza* a atual estrutura da rádio Balsebre distingue duas etapas no processo comunicativo radiofônico: «... La función comunicativa del sistema semiótico del lenguaje radiofónico es determinada por el código que estructura el montaje radiofónico, en una primera instancia. El montaje radiofónico delimita un repertorio de posibilidades o recursos expresivos, con los cuales el autor de la imagen sonora de la radio produce unos enunciados significantes. Es aquí cuando se resuelve la segunda instancia del proceso comunicativo: la creación del mensaje o variaciones particulares sobre la base del código. El mensaje es la agrupación significativa de los elementos del código, elementos de percepción...»¹⁰

O mais surpreendente na definição de Balsebre consiste em que mesmo demonstrando o condicionamento que a estrutura do meio provoca na forma estabelecida para o relato radiofônico, não apenas toma como dado um sistema que amputa grande parte dos poderes de alguns dos participantes no processo, como elabora uma rigorosa teoria para a sua fundamentação¹¹. No organograma vertical do radiojornalismo, a etapa de montagem, denominada como sinônimo de edição, que poderia transformar-se em uma instância de utilização dos distintos recursos do suporte para qualificar a mensagem, assume a função sobredeterminada de unilateralmente delimitar os dados com que a audiência cria significados para os relatos. O discurso radiojornalístico, que, para sua plena consumação como processo comunicativo, deveria permitir um intercâmbio mútuo dos jornalistas com os membros do público, institui-se como uma instância unidirecional.

As próprias características elencadas para o relato radiofônico são derivadas mais como uma consequência do modelo centralizado do que como um imperativo da tecnologia. A estrutura interna do relato formatado como uma sequência ininterrupta decorre da separação nítida de funções imposta aos participantes da relação comunicativa. Como pagamento pela dependência das fontes escritas para preencher os espaços destinados

⁹ BALSEBRE, Armando. *El lenguaje radiofónico*. 1994. Madrid. Catedra. pp. 24.

¹⁰ BALSEBRE, Armando. 1994. *op.cit.* pp. 141.

¹¹ *Idem. Ibidem.* pp. 163.

às notícias, pela incorporação do modelo antes adotado no jornalismo impresso, o relato radiojornalístico, ao mesmo tempo que delega todos os poderes de emissão para os profissionais, silencia a voz dos demais participantes no processo, com a exceção das fontes entrevistadas. Em um meio com múltiplos recursos (como a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio), o único expediente do público para inserir-se no sistema consiste na criação de significados para as mensagens sobre a base do código emitido.

A linearidade da edição no radiojornalismo se evidencia em, pelo menos, duas circunstâncias. A primeira na estrutura sequencial interna que orienta a elaboração de cada notícia como um produto isolado, com um fim em si mesmo. A segunda – e, como veremos na comparação com os periódicos na rede, mais significativa pelas consequências que provoca no sistema produtivo do radiojornalismo – se manifesta na rígida estrutura de blocos (local, regional, nacional e mundo) que compõe o radiojornal. Como um fenômeno singular que emerge de um conjunto de relações, a notícia, em qualquer que seja a escala, somente adquire sentido quando representa um nexos com as demais instâncias capazes de iluminar os significados do acontecimento. Com o pretexto de agrupar os fatos pela sua proximidade de localização, o sistema de edição em blocos instaura uma separação rígida entre as várias esferas da realidade, que, se não impede a compreensão dos fatos, promove uma visão fragmentada do mundo.

O modelo hegemônico de desenvolvimento do telejornalismo veio reforçar ainda mais a linearidade e a centralização do processo de edição, de certa forma, questionando a conhecida frase de Marx no Dezoito Brumário de que a realidade não se repete como tragédia senão como farsa. No caso dos meios jornalísticos, ocorreu o contrário, com uma obstinada preferência pela repetição dos padrões consagrados pelo uso. O discurso jornalístico quase sempre, como ensina Bettetini¹², aplica à realidade um esquema preexistente que favoreça o sucesso da enunciação. No telejornalismo, o sujeito da enunciação, identificado, como se sabe, com um aparato cultural ausente de intercâmbio comunicativo, produtor do texto audiovisual e, ao mesmo tempo, produzido pelo resultado do processo em que deixa as impressões de seu trabalho de organização semiótica e de suas estratégias discursivas, transforma o universo referencial em um mundo narrativo.

¹² Em outros setores do rádio como a programação musical ou nos programas com a linha aberta para a participação da população os avanços em direção a uma redistribuição dos papéis no processo comunicativo são muito consideráveis, quando comparados com o departamento jornalístico, um dos que ainda mantém uma estrutura centrada e verticalizada de produção.

O relato unidirecional simplifica o universo de eventuais referências e, como adverte Bettetini, não se limita a transportá-lo para um novo mundo, regido por uma sucessão cronológica determinante e por uma rigorosa lógica causal, senão que lhe representa segundo a aplicação de um ponto de vista da realidade: « ...Esta unicidad de angulación perspéctica, esta simplicidad de una sola mirada bien definida en la colocación topográfica de su origen (de la cual deriva una inorgánica ruptura de los conocimientos y del saber), es el elemento cualificador de toda la cultura occidental desde la invención de la imprenta hasta los procesos tecnológicos de los mass-media. No es casual, entre otras cosas, que la rigidez de esta lógica monovisual y el consiguiente ejercicio narrativo en los distintos campos de las comunicaciones de masas (comprendido el de la información) hayan sido puestos recientemente en crisis justamente por el exceso cuantitativo del mercado y de la superposición simultánea de más canales de emisión... »¹³

É certo que a dimensão narrativa constitui o próprio estatuto do discurso jornalístico em qualquer que seja o suporte (papel, rádio, cinema, TV ou digital) e que um relato tende sempre a se estruturar com um início e conclusão, suas relações lineares de causa e efeito, suas funções, ações, actantes e atores, mas se comete um forte equívoco ao fazer tábua rasa entre as diferenças ou potencialidades inerentes a cada meio. No que se refere à compreensão do discurso jornalístico, mais que reconhecer que desde os tempos da tragédia grega até as distintas elaborações das disciplinas históricas ou dos meios jornalísticos são compostas de relatos, necessita-se estabelecer as peculiaridades da narrativa em cada um dos casos específicos. A naturalização do processo discursivo, tido muitas vezes como um dado *a priori*, institui uma certa visão que toma os esquemas dos relatos como leis imanentes da realidade: «...los esquemas del relato no son productos naturales, leyes inmanentes de la realidad, sino instancias culturales que se sobreponen a la realidad con el fin de hacerla 'legible' y comprensible según unas modalidades tradicionalmente elaboradas y según expectativas adecuadas a ellas, y también inducidas por su difusión universal... »¹⁴

Como produto que obedece a uma lógica de distribuição massiva, o telejornalismo desconsidera toda possibilidade de intercâmbio paritário entre os envolvidos no processo comunicativo. O texto audiovisual resulta de um tipo de edição cerrada em si mesma que determina as condições de aproximação do espectador das suas formas significantes. Cada notícia

¹³ BETTETINI, Gianfranco. 1986. *La conversación audiovisual*. Madrid. Ctedra. Traducción de Vicente Ponce. pp. 63.

¹⁴ BETTETINI, Gianfranco. 1986. *op. cit.* p. 70.

ou reportagem veiculada está construída dentro de um universo discursivo em que a única posição de sujeito permitida pelo projecto comunicativo sobre os signos do texto é a de receptor.

O espaço do telejornal se apresenta como o lugar em que são articuladas as diversas notícias, configurando uma totalidade discursiva sobre o presente, que, embora pareça contraditório, não é, em si mesma, narrativa. A sistemática padrão da edição televisiva que divide o telejornal em segmentos funciona como um corte sincrónico sobre os múltiplos relatos disponíveis no tecido social. No conjunto, o telejornal constitui mais um certo número de fatos isolados justapostos do que uma rede de ações interconectadas. O carácter desconexo das notícias entre si, dentro dos mesmos segmentos ou de forma mais acentuada entre os distintos blocos, transparece, como acentua Requena ¹⁵, nas fórmulas verbais como, por exemplo, «...Enquanto isso em Melbourne...» ou «... Ao mesmo tempo em que isso acontecia, no outro lado do oceano...», empregadas pelos locutores para passar de umas notícias às outras ou de uns micro-relatos a outros.

A exposição linear pelos locutores dos fatos estruturados em ordem hierárquica pelos editores inscreve uma etapa a mais no processo discursivo televisivo em comparação com o jornal impresso. Nas páginas dos periódicos em papel, o editor pode dispor a hierarquia das notícias no espaço, mas não tem como determinar uma sequência única de leitura para todos. Enquanto a estrutura de mosaico dos meios impressos permite acessos diversos – para alguns leitores a leitura pode começar sempre pela editoria de esportes ou pela de política – a natureza sequencial do telejornal impõe um roteiro unificado para todos os telespectadores. Se o leitor dos periódicos pode exercer uma certa liberdade de escolha, porque efetua uma espécie de edição de segunda instância, bem diferente é a situação do telespectador do telejornal ou a audiência do radiojornalismo que permanece todo o tempo na dependência do fluxo que emana do meio. Embora possa exercer ampla margem de autonomia no que se refere ao projeto do enunciador, o telespectador não tem como interferir no texto audiovisual para modificar a sua semântica ou seu aparato pragmático, como ocorre na conversa interpessoal ou, em menor grau, ao menos no segundo caso, no jornalismo impresso.

¹⁵ BETTETINI, Gianfranco. 1986. *op. cit.* p. 71.

5. A descentralização da edição no jornalismo digital

Com a expansão da tecnologia digital, muito mais propícia ao intercâmbio mútuo entre os envolvidos no processo de comunicação que o padrão analógico hoje predominante, o futuro do jornalismo se defronta com a possibilidade de inúmeras mudanças no sistema de produção da notícia. Embora a plena adoção dos equipamentos digitais dependa da superação de restrições econômicas ou do meio profissional, a edição não-linear de vídeo não se trata mais de uma novidade e, considerando a simplicidade de um sistema que efetua desde cortes até edita som com elevado número de trilhas e sonoriza programas, pode-se, pelo menos, admitir que a tecnologia reúne alguns fatores favoráveis à sua popularidade. Se o novo suporte alcança, como tudo indica, difusão universal, as perspectivas para reorganizar a cadeia produtiva no jornalismo, por conta das facilidades de operação de equipamentos e elaboração de produtos, são fascinantes.

No caso do jornalismo, há condições para diversificar e descentralizar a produção, que pode obedecer a uma programação que atenda a demandas específicas, com notícias setorializadas por assunto e por público: «... Existe a possibilidade de que a produção de tele-reportagens se distribua em centenas ou milhares de pequenos produtores, isolados ou em mini-equipes. A tendência atual, na tradição do toiotismo, é que se condensem, numa mesma pessoa, habilidades de cinegrafista, repórter e editor. De qualquer forma, trabalhando só ou em pequenas equipes, é provável que o jornalista de TV se liberte da atual dependência de emissoras e seus padrões de produção rotineiros, abrindo novas perspectivas profissionais...»¹⁶

Apesar de que seja quase consensual, como projeta Lage, que o futuro próximo pode afetar as práticas do telejornalismo, por exemplo, a digitalização plena dos meios carrega em suas entranhas, em termos potenciais, uma mudança bem mais ampla que aquela da incorporação da tecnologia pelas organizações estabelecidas. A conexão de computadores em rede em nenhum momento significa por si mesmo, como defendido por alguns, a disfunção imediata dos outros suportes, nem a consumação de práticas interativas, mas cabe pouca dúvida que a revolução provocada pelo ambiente digital permite avançar muito além da descentralização do processo produtivo. A facilidade da técnica, para alcançar de igual modo a cada usuário da rede, permite uma multiplicação de pontos de vista que mina as posições rígidas sustentadas entre os envolvidos numa relação comunicativa concebida nos entornos analógicos. Na rede o leitor pode se converter

¹⁶ REQUENA, Jesús González. 1989. *El espectáculo informativo*. Madrid. Akal. p. 49.

em usuário e o telespectador em jogador. A distinção é crucial, porque diferencia o participante do espectador e a produção do consumo¹⁷.

Como o jornalismo nas redes oferece condições para estabelecer uma escala crescente de interatividade (que vá desde ver e ler, em um extremo, interrogar, jogar e explorar, no meio e que termine em construir e compor, pelo outro), a primeira trampa a desmontar consiste em advertir que, como as tecnologias anteriores, a digital por si só nada garante, porque o aproveitamento da totalidade das suas características depende do modo elegido para sua exploração. É certo que a maioria dos produtos hoje acessíveis, a despeito de suas promessas, como acentua Piscitelli¹⁸, somente explora os graus inferiores da escala: ver, ler, jogar e interrogar, mas, de outra parte, depois de uma primeira etapa pouco criativa, no jornalismo digital se pode visualizar alguns casos de experiências inovadoras na rede. O alcance das diversas medidas varia, de acordo com as particularidades dos meios, mas de distintos modos se pode perceber que conceitos como edição linear, emissão, recepção, produção centralizada, leitores, ouvintes ou telespectadores pouco tem a ver com a realidade emergente.

Com o avanço das redes, surge um novo modelo de comunicação muito mais complexo que aquele da Revolução Industrial. Por uma parte cresce e se mundializa a ação dos meios tradicionais e, por outra, se visualiza o desenvolvimento de variados sistemas de comunicação (de conteúdos genéricos ou específicos). O ambiente das redes enseja uma ruptura do modelo estruturado pelos meios tradicionais, considerados como o centro de constituição da esfera pública. A rede coloca à disposição de usuários diversos a possibilidade de relacionar-se entre si e inclusive de coletar e publicar informação, se tem pela frente a chance de uma reorganização da forma histórica de produzir notícias para o consumo da sociedade. O modelo tradicional de jornalismo consiste em uma atividade coordenada ao longo de todo o processo unicamente por jornalistas, indivíduos preparados para produzir e disseminar notícias a uma audiência.

Na rede hoje existem, como observa Hermana¹⁹, pelo menos, outras duas formas de produção jornalística. A primeira delas está a cargo das publicações que oferecem informação genérica, parte resultante de trabalho do próprio meio e parte gerada na rede. A segunda é aquela caracterizada pela produção de informação e conhecimento a partir da atividade

¹⁷ LAGE, Nilson. «O telejornalismo ao alcance de todos». In Sala de Prensa. Ano III N.º 7, Vol. 2, Mayo de 1999.

¹⁸ PISCITELLI, Alejandro. 1995. *Ciberculturas en la era de las máquinas inteligentes*. Buenos Aires, México, Barcelona. pp. 198.

¹⁹ *Idem. Ibidem*. pp. 198.

realizada pela própria comunidade. Como o desenho do fluxo de comunicação toma os eventos protagonizados pelos usuários para a elaboração dos conteúdos, as notícias não são mais uma realidade à margem dos usuários do sistema, mas atividades diretamente vinculadas aos envolvidos no processo de comunicação. A elaboração das notícias ou a sua evolução em direção a novos produtos como reportagens e entrevistas amplia uma responsabilidade que antes estava restrita às relações dos periodistas com as fontes para todos os membros da rede, potenciais produtores de dita informação.

A redistribuição horizontal dos poderes dentro de um sistema interativo que retira o monopólio de decisão do controle dos jornalistas ao mesmo tempo que implode com conceitos típicos da era industrial (como consumo, recepção ou emissão) reconfigura, em grande parte, a função da edição no jornalismo digital. A multiplicação das redações, com uma produção descentralizada, reorienta uma etapa que, no período industrial, pretendia aumentar a eficiência do trabalho de produção da notícia para uma instância de moderação. Como no jornalismo analógico, a implantação da tecnologia buscava reduzir o tempo de produção, a inserção de novos equipamentos, por exemplo, em vez de significar uma ampliação da jornada para poder publicar as notícias ocorridas no final da noite provoca o contrário, com uma generalizada antecipação do fechamento. Em algumas experiências do campo digital em que ganha corpo o papel do jornalista como um moderador do processo de comunicação, a prioridade da instância consiste em funcionar como um ponto de referência para os usuários, discutindo a todo momento a pertinência dos conteúdos ou propondo temas para estimular o debate ²⁰.

Num universo como o das redes em que os pontos de produção do discurso são descentralizados, a diferença entre produtores-consumidores perde significado, impondo a necessidade de uma redefinição conceitual, capaz de estabelecer as particularidades apresentadas em cada uma das escalas da cadeia produtiva. A visualização da edição como um simples trâmite para acelerar o ritmo do trabalho, ou mesmo como mecanismo de controle, explica somente uma parte da questão. Na prática jornalística, a edição exerce a função de organizar a busca, análise e hierarquização dos dados, de todas a mais representativa, e que, ao que tudo indica, pode consagrar-se como a principal nas publicações digitais. A disseminação de milhares de publicações de todos os tipos na rede revigora a necessidade do tratamento especializado. A multiplicação dos emissores impõe, como nunca antes, um conhecimento da natureza jornalística da realidade.

²⁰ HERMANA, Luis Ángel Fernandes. La batidora digital. In Enredando. 19.10.1999. Barcelona. (<http://www.enredando.com>).

Convém esclarecer que, de uma parte, a interconexão entre esferas reservadas a determinadas categorias tende a sofrer uma fusão, mesclando habilidades de campos distantes como a engenharia eletrônica ou o jornalismo e que, de outra, a mudança do perfil profissional ou das funções desempenhadas pelo jornalista na produção das notícias nada tem a ver com um pretenso ocaso do jornalismo. O tipo específico de compreensão do mundo oferecido pelas organizações jornalísticas permanece essencial para a vida nas sociedades complexas, porque tem caráter complementar a outras áreas de produção de saber como o senso comum presente no ciberespaço, por exemplo, nas salas de conversação. A interatividade facilita o aperfeiçoamento dos produtos jornalísticos, mas não se pode esquecer que a diferença entre jornalismo e entretenimento consiste em que o primeiro busca atender a demanda do público enquanto que o segundo resulta de uma hierarquização dos eventos que nem sempre tem como resultado a publicação daqueles aspectos elegidos pela comunidade.

O tema da profissionalização do jornalismo sempre permaneceu na linha de fogo de diferentes setores sociais, começando com as instituições empresariais. A diversidade do desenvolvimento do jornalismo ao largo da geografia mundial permite o contato com um rico arsenal de experiências. O fato ocorrido durante a cobertura do naufrágio de uma patera com imigrantes marroquinos no estreito de Gibraltar em *El Mundo Digital* demonstra a especificidade do jornalismo. De posse do monitoramento das visitas às páginas da publicação, o editor Mário Tascón percebeu que havia apenas quatro acessos àquela matéria enquanto se contabilizam mais de seis mil para a notícia do nascimento do primeiro filho da Infanta Cristina de Bourbon ²¹.

Se o único critério jornalístico para a edição de uma notícia ou mesmo para a definição da sua importância fosse a preferência do usuário do sistema, a matéria sobre a morte dos imigrantes marroquinos dificilmente seria mantida na próxima atualização de notícias. Como a natureza do conhecimento jornalístico sobrepassa o gosto individual para distribuir ao conjunto da sociedade fatos de relevante interesse coletivo, medido tanto pelas habilidades do profissional quanto pelos fundamentos éticos predominantes, o jornal manteve aquela notícia que representava um drama humano fundamental, envolvendo diretamente os países do Mediterrâneo.

²¹ A dimensão de algumas das experiências inovadoras no jornalismo digital demonstra o rápido desenvolvimento de modelos alternativos de produção jornalística na rede. A seção interativa *En Media* da revista *Enredando* (<http://www.enredando.com>.) de Barcelona mobiliza uma redação virtual de cerca de 600 pessoas enquanto a redação do principal diário da cidade *El Periódico* mantém 180 jornalistas. Ver. HERMANA, Luis Ángel Fernandes. 1998. *En.red.ando*. Barcelona. Ediciones B.

«...Un periódico es un proyecto con un compromiso social. Lo sigue siendo en la red. Si yo veo que solo cuatro personas leyeron la noticia de la muerte de tres inmigrantes en el estrecho es evidente que no puedo dejar de dar noticia de pateras porque no la lee la gente. Yo tengo que seguir dándola porque representa un drama humano. Yo creo que hay valorar la noticia porque tiene un significado para mí y para cualquiera. Lo que defiendo es que hay noticias que él periódico tiene la obligación moral de darlas...»²²

Como a cooperação estreita que o ambiente da rede estabelece entre os membros da comunidade favorece a tentação de obscurecer as diferenças ou habilidades dos participantes, o pleno desenvolvimento do jornalismo digital pressupõe a consideração de pelos menos três aspectos. Em qualquer suporte, a atividade jornalística constitui um trabalho especializado que exige determinados conhecimentos conceituais e técnicos. A parceria na produção da notícia envolve indivíduos com graus distintos de saber como, de alguma maneira, ocorria antes na relação do jornalista com as fontes. Em vez de transformar todos em jornalistas ou acabar com o consumo de notícias, o jornalismo na rede permite que todo o participante do circuito tenha papel ativo no processo, abandonando as posições de leitor, ouvinte ou telespectador. Na chamada Sociedade da Informação nem tudo consiste em informação e, muito menos, nem toda informação significa informação jornalística.

A ramificação horizontal de muitas decisões antes tomadas centralmente como, por exemplo, que tipo de fato apurar em um dia, ao contrário do que se possa pensar em um primeiro momento, significa uma modificação no processo editorial que acumula um conjunto mais amplo de atribuições para cada jornalista. Na produção clássica da notícia, dentro da receita padrão, cada profissional desempenhava um função específica com o objetivo de acelerar a conclusão do trabalho. Uma profissional elaborava a pauta, um fazia a apuração, um redatava e, por fim, outro editava. A descentralização da produção impõe um relativo afrouxamento das etapas de controle nas escalas inferiores da cadeia produtiva ao mesmo tempo que concentra um número maior de especialidades nos profissionais localizados nos patamares superiores. Nas redações em rede, o jornalista tende a redatar, entrevistar personalidades, apurar sempre que necessário e, fundamentalmente, atua como um editor de todo o material que chega até à publicação.

²² Entrevista concedida ao autor pelo Editor de *El Mundo Digital*, jornalista Mario Tascón, na redação de *El Mundo*, em Madrid em 03 de Outubro de 1999.

Considerações finais

O ambiente das redes, como aqueles precedentes criados pela imprensa, pela rádio ou pela televisão, muito mais que um mecanismo de comunicação funda uma nova esfera de vida que modifica no conjunto todas as relações sociais. A ecologia dos meios, modificada de forma constante à medida que emerge uma revolução tecnológica, demonstra que a inserção de uma nova técnica, mais que eliminar as demais, estimula uma reacomodação dos modelos anteriores ao mesmo tempo que a sua própria incorporação nasce determinada pelas condições existentes no momento da sua implantação.

A lógica do jornalismo nas redes tem muitas diferenças com aquela que predomina nas redações ou na cabeça dos dirigentes das organizações jornalísticas clássicas, mas parece pouco provável que, a médio prazo, uma deixe de conviver com a outra. De um lado, pelas próprias circunstâncias da atividade profissional ou do modo de estruturação das instituições como empresas, a maioria das publicações na rede tende a assumir alguns traços da tradição do jornalismo e, de outro, cabe pouca dúvida de que o mercado tradicional possa evitar aprender com o novo campo. A primeira adaptação dos meios tradicionais transparece pela simples leitura das grades de programação das televisões ou pela leitura dos suplementos dos diários em papel. Na última década, houve uma permanente criação de publicações ou seções vinculadas à rede, inclusive com o reconhecimento da emergência de um tipo diferente de economia.

A natureza da edição no jornalismo digital rompe com muitas das atribuições inerentes à função nas etapas anteriores de desenvolvimento da atividade profissional. O conceito de edição que, nos séculos XVII e XVIII, significava publicação, com a consolidação da indústria em sua forma capitalista, assumiu as feições de uma etapa na cadeia produtiva com o objetivo fundamental de reduzir o tempo de trabalho. Como algumas das consequências mais relevantes do conceito moderno de edição, se pode citar a criação de editorias fixas ou de sistemas lineares e verticalizados na imprensa, na rádio e na televisão. O jornalismo digital, aproveitando-se da descentralização generalizada da produção de conhecimento entre os membros de uma comunidade, faz com que a função do editor se estenda cada vez mais a aspectos de uma atividade de moderação e hierarquização de fatos gerados nos mais distintos pontos da rede.

A proliferação ilimitada de emissores que, num primeiro momento, parece uma novidade do campo digital nada mais faz do que recuperar, de modo potencial, uma dimensão que estava presente em todas as tecnologias anteriores – da linguagem falada, passando pela escrita, a imprensa ou a televisão. A capacidade da tecnologia digital de descentralizar a produção, permitir a superação de conceitos modernos como consumidor, emissor ou

receptor como elementos isolados e não intercambiáveis no processo de comunicação, causa mais furor pelo modo verticalizado de implantação dos demais meios do que pelas suas possíveis inerentes limitações. De forma idêntica como o modelo centralizado de produção do jornalismo na imprensa, na rádio e na TV representa somente um dos sistemas viáveis para a exploração daquelas tecnologias, o desenvolvimento futuro do jornalismo digital apresenta inúmeras alternativas²³. As potencialidades do suporte são imensas. Se o conhecimento acumulado com as experiências anteriores pouco ou nada garante, pelo menos, resta a esperança de que, ao contrário do que pensava o escritor Horacio Quiroga²⁴, nem sempre a irracionalidade comanda as ações humanas.

²³ Entrevista Editor de *El Mundo Digital* op. cit.

²⁴ Como forma de fazer uma paródia da falta de lógica das lógicas ações humanas, o escritor uruguaio Horacio Quiroga concebeu uma escala evolutiva que começava com o rato, concluindo no homem. O rato teria uma noção equivocada de tudo que o cerca. O cavalo era mais inteligente, porque percebe melhor o ambiente. O cachorro avança um pouco; o macaco dá um passo mais enquanto que o elefante chega ao limite das inteligências mudas. De espécie em espécie, aumenta a capacidade de compreensão até que se chega ao homem que tem plena consciência de que é ao mesmo tempo um rato, um cavalo, um cachorro, um macaco e um elefante. Ver QUIROGA, Horacio. «Lógica ao revés». In Horácio Quiroga – *Todos los cuentos*. 1993. PONCE DE LEON, Napoleón Baccino e LAFORGE, Jorge. Madrid. CSIC/Fondo de Cultura Económica. pp. 948-949.